OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios) .	5$000	2$500	-$-	-$-

7.º ANNO—VOLUME VII—N.º 207

21 DE SETEMBRO 1884

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.

BELLAS-ARTES

CECILIA — QUADRO DE HENRIQUE POUSÃO (Segundo uma photographia)

CHRONICA OCCIDENTAL

O cholera retomou os seus direitos sobre a preoccupação dos portuguezes, entrando em Hespanha e chegando até Salamanca, e hoje é outra vez o assumpto de todas as conversas, de todos os artigos, de todas as discussões.

Quando já ninguem pensava n'elle, quando o microbio se tinha já cançado em Toulon e a attenção em Lisboa, eis que surge de repente o caso de Alicante, e toda a gente volta a pensar no cholera com a mesma persistencia d'antes e com um bocadinho mais de terror.

Effectivamente, o perigo da invasão ameaça-nos muito mais agora do que quando o cholera passeava por Marselha, por Nunes, por Toulon. Não era muito natural que os francezes pensassem em fugir para Portugal; Portugal é muito pouco conhecido lá fóra, e n'este caso feliz obscurantismo, para que qualquer marselhez ou toulonense se lembrasse de vir por ahi fóra até este cantinho da Europa. Agora o caso é mais serio; os hespanhoes não só pensarão decerto em fugir para Portugal, mas não teem mesmo outro sitio para onde fugir, e foram os fugitivos de Toulon e de Marselha que espalharam o cholera pela França meridional, pela Hespanha e pela Italia.

O governo portuguez tem trabalhado muito para evitar a invasão d'esses fugitivos, mas francamente não acreditamos lá immensamente na efficacia dos meios de que se tem lançado mão.

Os cordões sanitarios de pouco ou nada servem. Veja-se o que aconteceu em Alicante.

Foi um empregado fiscal que metteu o cholera em Hespanha, deixando entrar uma creança cholerica a troco de 200 pesetas.

E não acreditamos inteiramente nada que esse homem seja um malvado, um facinora, que conscientemente vendesse a vida de centenares de pessoas por oito libras. Infelizmente não foi um crime o que praticou o fiscal de saude de Alicante, foi uma leviandade.

E dizemos infelizmente, porque criminosos d'essa ordem são excepções raras na humanidade, e podiamos esperar ter a sorte de não encontrar nenhuma d'essas excepções nos nossos cordões sanitarios.

Agora levianos ha de havel-os aos centos, levianos, estupidos, ignorantes, que não comprehendem a gravidade da sua missão, que não fazem a menor idéa do perigo, da catastrophe que póde advir para o paiz da infracção das ordens que ali estão a cumprir, que não teem a mais ligeira consciencia do que estão ali fazendo, e que consideram a sentinella na fronteira como uma massada regimental do mesmo modo que uma sentinella á memoria do Terreiro do Paço.

E mesmo que o nosso exercito chegasse — que não chega — para se organisar um cordão sanitario a valer em toda a fronteira portugueza, esse cordão não seria ainda uma garantia de segurança, porque lá estaria o perigo permanente, o perigo inevitavel, a ignorancia do soldado, a falta de comprehensão do importantissimo cargo da salvação publica que lhe é confiado.

É por isso que os cordões sanitarios não podem merecer confiança. Mesmo no tempo em que havia a pena de morte para aquelle que os deixasse cortar, em que a falta de consciencia da salvação da patria, era preenchida pelo medo da salvação da propria vida, os cordões sanitarios eram a cada momento cortados, e a vigilancia das sentinellas illudida ou subornada.

E depois com a facilidade de communicações que hoje ha, com o vapor por mar e por terra, é quasi impossivel isolar um reino, não sendo por meio das medidas supremas da prohibição absoluta de communicações externas.

O que ha a fazer, segundo a opinião dos medicos mais illustres e auctorisados, é, sobretudo, quando o perigo da invasão do cholera se aproxima, tratar de purificar as cidades por todos os meios que a hygiene aconselha, organisar sabiamente todo o serviço de hospitaes, de transportes para os enfermos, de modo que no caso de se dar a invasão da epidemia, essa epidemia não encontre elementos de vida na immundicie da cidade, como em Toulon, como em Marselha, e sobre tudo como em Napoles, que o seu contagio se possa evitar desde o primeiro dia pelo isolamento absoluto dos cholericos como em Bordeaux. As grandes medidas a tomar são estas: tomadas ellas, tudo o mais se pode fazer, cordões sanitarios, quarentenas, lazaretos, desinfecções; porque embora não dêem grande resultado, está-se em guarda contra o inimigo, dispõe-se de todos os meios de o combater, se não se poder evitar.

E uma das primeiras coisas que o governo, as auctoridades, os medicos e a imprensa devem ter n'estes momentos graves, é um grande sangue frio, uma grande serenidade, para encarar o perigo tranquillamente e combatel-o com energia, e sem os desmandos inuteis e perigosos do terror.

Se é de grande necessidade perante uma epidemia a hygiene das ruas, das casas e dos corpos, não o é de necessidade menor a hygiene dos espiritos.

O terror é tão perigoso como os focos de infecção.

É bom, é urgente que o governo e as auctoridades attendam a isto, e que com o fim de limpar os saguões da cidade não lancem o pavor no espirito da população.

Quando ha coisa de dois mezes o cholera reinava com grande violencia em Marselha, e as auctoridades de Lisboa começaram a sua campanha contra a immundicie da cidade, a nossa casa foi visitada por dois policias que iam em nome da lei ensinar-nos hygiene a nós.

A visita foi matutina, e quando nós nos levantámos já os sabios hygienistas não sei de que esquadra tinham feito a sua visita sanitaria ao nosso quintal.

Os nossos criados estavam aterrados, enfiados, pallidos.

— Então o senhor sabe que vem ahi o cholera...

— Quem disse isso?

— Os policias que estiveram ahi, no quintal, e disseram que a primeira parte onde o cholera vinha era cá a casa.

— Bello! E por onde principia?

— Pelo quintal, pela capoeira onde estão os coelhos. Os policias, para lá entrar, tiveram á porta que tirar um frasquinho da algibeira e cheirar, para não cairem redondamente no chão. E deram ordem para no praso de 24 horas se tirarem do quintal todos os coelhos e todas as gallinhas, e que vinham cá ver amanhã se as suas ordens tinham sido executadas

Affianço-lhes que tudo isto é textual.

Fomos ao quintal, ao tal terrivel foco d'infecção da capoeira. O criado estava tão aterrado com o frasco que os policias cheiraram á porta da capoeira, que se recusou a lá entrar. O que elles chamavam fóco d'infecção era uma capoeira ao ar livre, com sete ou oito coelhos. As leis da hygiene que elles tinham dado era pôr fóra do quintal as gallinhas, no tempo exactamente em que a ameaça da invasão do cholera podia tornar necessario d'um momento para o outro o ter-se gallinhas em casa.

Mandei chamar os dois policias, que andavam ainda na rua dando sentenças hygienicas: disseram-me que já vinham fallar-me, e até hoje ainda estou á espera d'elles.

No dia immediato, o sr. commissario de policia da divisão a que elles pertenciam, sabendo do caso, mandou-me apresentar por um amigo commum todas as desculpas das asneiras dos seus subordinados, asneiras de que de modo algum elle, que é um homem intelligente e um funccionario zelosissimo no cumprimento dos seus deveres, não pode ter responsabilidade alguma.

Não démos importancia nenhuma ao caso, mas hoje que decerto recomeçam essas visitas sanitarias recordamol-o, para que as auctoridades superiores da policia se precavenham contra a repetisão d'elles, para que recommendem aos seus subalternos a ausencia de todo o apparato, e sobretudo, de todss os discursos — porque a mania do policia portuguez é ser orador — que possam encher de terror a população menos illustrada e intelligente.

Tirem os focos de infecção dos quintaes immundos, mas não vão crear novos focos de infecção nos espiritos timoratos

Pensem bem n'isto — a immundice é um grande perigo, mas ha outro egual senão maior — o terror.

O cholera em Hespanha, tem conservado até agora um caracter de benignidade, restringindo-se aos pontos primitivamente atacados, e ahi mesmo sendo muito menos mortifero do que foi em França.

Seria isto um symptoma visivel da declinação da força da epidemia, se por outro lado as noticias de Italia não accusassem uma violencia desusada, n'esse cholera que em Hespanha se mostra tão cançado e impotente.

Em Italia e principalmente em Napoles, a mortandade tem sido horrorosa; as estatisticas teem subido a cerca de quatrocentos casos fataes por dia, o que é deveras assombroso.

As pessimas condicções hygienicas de toda a Italia, e sobretudo de Napoles, explicam a extraordinaria intenside com que alli o cholera se tem desenvolvido.

O rei Humberto, irmão da rainha de Portugal, tem feito prodigios de coragem e de dedicação no meio d'essa devastadora peste.

Logo que o cholera começou a tomar em Napoles as gigantescas proporções que tem conservado, o rei de Italia partiu de Roma para alli, e com uma heroicidade extranha percorreu os hospitaes, os bairros mais immundos onde o cholera mata fulminantemente como a apoplexia, sendo por toda a parte acclamado victoriosamente pela população, que recobra animo ao ver o rei vir partilhar o seu perigo, e lhe chama o Pae do povo.

Ha principalmente no meio d'essa abnegação e d'essa coragem extranha de que o rei de Italia está dando provas, duas coisas — uma acção e uma resposta, que a historia recolherá avidamente, e que transformarão a vida do rei Humberto, n'um canto de Epopêa.

A acção foi ha dias, n'uma das ruas de Napoles, encontrando no seu caminho uma creança, que rota e miseravel se debatia no meio da rua, nas agonias dilacerantes do cholera, o rei apear-se, erguer essa creança empestada, de quem todos fugiam com terror,, mettel-a na sua carruagem real e leval-a para o palacio, para seguir tratamento: a resposta foi um telegramma a um emprezario de um circo de Pedrone que convidára o rei para assistir á inauguração.

«Em Pedrone ha festas, em Napoles morre-se; parto para Napoles.»

É digna de um heroe antigo, esta resposta do rei Humberto.

Recebemos ha semanas uma carta de um nosso leitor anonymo, enviando-nos uma poesia e pedindo-nos a sua publicação no Occidente caso a julgassemos digna d'isso.

A poesia não é com certeza uma obra prima, entretanto tem uma idéa o que já não é pouco e por isso a publicamos em seguida.

É uma estreia: nunca nos perdoariamos ter fechado as portas á estreia de uma poeta, que nos parece poder ser um dia alguem, o que não quer dizer de forma alguma que nos pômos aqui á disposição de toda a gente que de hoje em deante se lembrar fazer versos.

É uma vez sem exemplo: ficam avisados os massadores, para não nos importunarem, e os leitores para perdoarem ao poeta anonymo, os defeitos da sua estreia

MARIA ANTONIETTA

É espaçoso o salão; correm pelo ambiente
Aromas subtis do perfumado Oriente.

Alvêjam no tecto formosas esculpturas,
Brilham as paredes co'as ricas douraduras.

Flôres variegadas em taças argentinas,
Limpidos espelhos, douradas serpentinas.

Do sol a luz intensa, viva e formosa
Côa-se nas cortinas de seda côr de rosa.

D'um longo sophá sobre o estofo bordado
Descança meio aberto um leque rendilhado.

Entre dous cortinados de seda carmezim
Um cravo se ostenta, marchetado de marfim.

Em frente d'esse cravo, languida descança
Maria Antonietta, aquella loira creança,

Frivola, graciosa, encantadora e bella, —
Belleza de mulher com graças de donzella —

Que d'esplendor enchia o throno da realeza
Com seu altivo porte e nobre gentileza.

No eburneo teclado de scintillante alvura,
Tocava docemente antiga partitura.

Subitamente quedou-se absorta a meditar
E o cravo, submisso, deixou de suspirar.

Inclinando sobre o seio a fronte juvenil
Dos seus olhos azues, como em manhã d'Abril.

Solta-se o orvalho do ceo em per'las finas,
Brotaram copiosas lagrimas crystallinas.

Talvez que n'aquelle instante á mente lh'occorria
Do Conde de St. Germain a triste prophecia.

De repente, porém, um sorriso radiante
Meigamente illuminou-lhe o lindo semblante.

Entrára o Delphim, depondo gracioso
Na fronte da rainha um beijo carinhoso.

Porto — 1884. A. A. A.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

CECILIA

Quadro de Henrique Pousão

A gravura que publicamos na primeira pagina, reproducção de um quadro de Henrique Pousão, é mais uma prova do talento do mallogrado artista que a morte tão cedo roubou á arte portugueza.

Este quadro faz parte dos estudos feitos em Roma onde o artista estava subsidiado pelo governo, e figurou no *Salon* de Paris em 1882.

Sabendo-se que no *Salon* de Paris só são admittidas obras de verdadeiro merecimento, já se póde ajuizar do valor do quadro que reproduzimos.

Pousão juntava a uma vocação excepcional uma applicação séria e consenciosa ao estudo, e por isso todos os seus trabalhos tem um cunho especial de correcção, firmeza e finura, sem os exageros de realismo mal degerido, com que se mascaram tantas insufficiencias de desenho e falta de conhecimentos technicos da arte.

O quadro *Cecilia* é pintado com muita correcção de desenho e finura de entoações, deixando perceber atravez da gravura, um colorido discreto e tranquillo, feição dominante do seu auctor.

Reproduz o typo de uma joven aldeã romana em costume do seu paiz, de fartos cabellos pretos e tez excessivamente morena, caracteristico d'aquella raça um pouco similhante á cigana, e que junto á nave do templo reza acompanhada do seu livro de orações.

REAL GYMNASIO CLUB PORTUGUEZ

Inaugurou-se no dia 30 de agosto ultimo o novo salão de gymnastica e sala de esgrima do Real Gymnasio Club Portuguez, na rua Nova dos Martyres, em Lisboa, com uma sessão solemne para que foram convidados, além das familias dos socios, varios cavalheiros e representantes da imprensa.

Esta instituição que principiou por uma pequena escola de gymnastica fundada em 1860 pelo sr. Luiz Monteiro em uma casa da Carreirinha do Soccorro, transformou-se depois em uma sociedade á qual o sr. Monteiro cedeu gratuitamente os pertences da sua escola, sendo por esse facto inaugurado o seu retrato na sala da sociedade.

A gymnastica estava abandonada em o nosso paiz ou quasi desconhecida, como um meio de educação physica, tão util quanto agradavel, e que desenvolvendo as forças physicas e a agilidade, habilita o individuo para tantos casos da vida em que estes dotes lhe podem aproveitar.

Tem custado a fazer comprehender, em Portugal, as vantagens da gymnastica como um elemento de educação necessario, e muitos paes conservam ainda repugnancia de verem seus filhos expostos a torcerem um pé, deslocarem um braço ou renderem uma costella, sem se lembrarem que o ensino da gymnastica é methodico, que longe de prejudicar o organismo o robustece, e que se póde dar logar a qualquer accidente, a muito maiores perigos está exposto quem não sabe gymnastica, que é um escudo de defeza para esses mesmos perigos.

Apesar, porém, de todas as repugnancias e desanimos a sociedade da Carreirinha do Soccorro, foi-se robustecendo e engrossando até que em 1875 se estabelecia em outro local, com a denominação de Real Gymnasio Club Portuguez, sob os auspicios do engenheiro Augusto Gomes Ferreira e do capitão Frederico d'Avellar que lhe foram esteio e auxilio.

O desenvolvimento que este instituto tem tomado nos ultimos tempos, está demonstrado pelo edificio proprio que hoje possue, mandado fazer expressamente sob o projecto do architecto José Luiz Monteiro e executado conscienciosamente pelo empreiteiro Santos, e pelos resultados praticos que tem dado como estabelecimento de educação physica, habilitando já um bom numero de individuos a professores de gymnastica e amadores distinctos que tem apresentado em publico trabalhos admiraveis.

O salão de gymnastica é construido em fórma de *chalet* possuindo todos os instrumentos mais modernos e melhores applicados aos exercicios gymnasticos. Tem uma bella sala d'armas destinada aos exercicios de esgrima, salas de bilhares e outros jogos, sala de bibliotheca, que está em principio, e as mais dependencias necessarias, tudo na melhor ordem.

O Real Gymnasio Club Portuguez é hoje um estabelecimento modelo que satisfaz aos mais exigentes, e que se levantou sem auxilio official, mas á custa de muitas dedicações e sacrificios, devendo especialisar-se os srs. Francisco Xafredo e João Xafredo que mais auxiliaram a sua definitiva instalação, pelo que lhe vão ser inaugurados os retratos a par do do infatigavel director e professor d'este instituto o sr. Duarte A. Holbeche, um dos principaes influentes e que mais tem trabalhado pelo seu desenvolvimento

Ascende a cerca de 600 o numero de socios que actualmente conta o Gymnasio Club e d'entre elles uma grande parte são bombeiros voluntarios e patrões remadores amadores que concorrem ás regatas no Tejo.

Os socios mais distinctos do Real Gymnasio Club Portuguez, tem por vezes dado saraus gymnasticos tanto no Colyseu de Lisboa como no Porto; sendo parte d'esses saraus em beneficio dos feridos da guerra austro-italiana, innundados em Italia, innundados em Portugal, das Crèches, dos Albergues Nocturnos, da Sociedade Philantropico Academica de Coimbra e dos bombeiros voluntarios do Porto.

Esses saraus tem sido sempre concorridissimos despertando grande enthusiasmo e merecendo distinctas recompensas conferidas aos socios em medalhas de merito e corôas gloriosas offerecidas entre o mais fernetico delirio dos espectadores.

Nas regatas a que tem concorrido tambem tem sido distinguido com medalhas e duas bandeiras de honra, uma offerecida por S. M. a rainha D. Maria Pia e outra pela Real Associação Naval.

Os fundadores d'este instituto devem sentir justo orgulho da sua obra, que ao cabo de tantos sacrificios e contrariedades, vêem coroada dos mais lisongeiros resultados.

O Occidente publicando a historia resumida do Real Gymnasio Club Portuguez e a gravura do seu novo edificio, presta sincera homenagem a tão sympathica instituição que importa mais um progresso para Portugal.

Ricardo de Almeida Jorge

PROFESSOR DA ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

O Occidente presta hoje a homenagem da sua veneração sincera a uma das capacidades medicas que na actualidade mais lustre tem dado á sciencia, com a vulgarisação de assumptos que pareciam andar affastados de ha muito do estudo e da observação d'aquelles a quem está commettido o encargo humanitario de velar pela saude publica.

Referimo-nos ao professor e secretario da Escola Medico-Cirurgica do Porto, o sr. Ricardo de Almeida Jorge.

Não é nossa intensão, ao honrarmos uma das paginas d'esta folha, com o retrato de tão illustre medico, o fazermos a sua biographia minuciosa, mas simplesmente esboçar em dois traços rapidos a physionomia de uma individualidade que n'este momento está attrahindo as attenções geraes com a esplanação clara e lucidissima de materias do interesse mais palpitante, na conjunctura actual em que os espiritos andam preoccupados com tudo o que se relaciona com a hygiene.

Essa individualidade podia definir-se perfeitamente em duas simples palavras: talento e tenacidade, qualidades estas que consubstanciam em si a encarnação mais viva do verdadeiro sabio.

O talento é innato n'aquelle cerebro que um estudo consciente e consistente desenvolveu e depurou com prodigios de rara perspicacia.

A tenacidade é inabalavel n'aquelle espirito rebelde ao desalento só proprio de organisações que se enfraquecem perante as asperezas de difficuldades resistentes.

Filho do povo, sem outros pergaminhos que não sejam os diplomas gloriosos da sua aptidão scientifica, aprendeu nos exemplos salutares do trabalho honrado de seus paes, a robustecer o animo para as luctas perfidas da existencia.

Apostolo do saber, predispoz as faculdades intellectivas da sua mente fecunda para a penetração dos mysterios que possam enredar a agudeza do pensamento humano.

Tem apenas 26 annos e dir-se-ia ao lêl-o ou ao ouvil-o, que mais de meio seculo de estudo e de experiencia perpassou já por sobre aquella organisação insaciavel de conhecimentos.

Medico aos 21 annos entrava seis mezes depois no corpo docente da mesma Escóla em que pouco antes fôra discipulo admirado e respeitado. A sua dissertação para o concurso que lhe ia abrir um logar eminente no professorado portuguez, e que versava sobre «Localisações motrizes no cerebro», é um trabalho notavel, como notavel fôra antes a sua theze final ácerca do «Nervosismo.»

Redigiu a primeira revista scientifica que teve o Porto e que durou apenas um anno, e n'ella, como em uma conferencia que realisou por occasião do centenario do Marquez de Pombal, começou a patentear mais publicamente os predicados que o assignalam quer como escriptor elegante e polemista habil, quer como orador eloquente e erudito e critico severo.

Ha poucos annos foi a França para observar os principaes adiantamentos introduzidos na hydrotherapia, tendo ahi occasião de receber as lições e os conselhos de Charcot e de outras summidades medicas e no seu regresso realisou uma conferencia brilhante sobre aquelle systema, quando já se havia collocado á testa, com o abalisado clinico o sr. Augusto Brandão, da direcção do primeiro estabelecimento hydrotherapico do paiz, annexo ao grande Hotel do Porto, onde as suas applicações medicas hoje muito em voga, teem produzido os mais proficuos resultados.

A fama que tem alcançado como clinico e o conceito que tem conseguido na triplice qualidade de orador, escriptor e polemista, propagou-se já por modo tal, que a sua opinião auctorisada é hoje tão considerada como a do mais experimentado mestre.

Agora, novo campo se abriu ao seu renome nas conferencias que está verificando sobre hygiene publica. Os seus discursos teem produzido profunda sensação e despertado geral interesse, quer pela fórma insinuante e esplendente com que os reveste, quer pela prodigiosa erudição com que os interessa.

A sua palavra é facil, communicativa, preponderante; o seu estylo affastando-se das formulas convencionaes da eloquencia sediça, tem reverberações de um luzimento offuscador; e a sua argumentação architectada sempre em bases positivas, fórma como que uma barreira invulneravel de encontro á qual se despedaçam os impetos d'essa petulancia que se sobredoura com as apparencias balofas de uma sciencia superficial.

Por vezes, na torrente impetuosa da sua locução crystalina, resaltam as allusões causticas de uma critica inexoravel e contundente. Sem treguas para o inimigo temerario, o seu temperamento indisciplinado ás considerações de uma deferencia fementida, não se verga nunca a conveniencias importunas quando se trata de medir forças em luctas scientificas.

Será um defeito? Crêmos que é uma virtude rarissima n'esta sociedade do *Deus Guarde a Vossa Excellencia*, como sagaz e comicamente a apreciou o audacioso orador em uma das suas primeiras prelecções.

D'essas conferencias tem falado com louvor unanime e recto toda a imprensa. A vastidão dos conhecimentos do insigne medico em todos os ramos do saber, as suas opiniões importantes sobre a salubridade dos cemiterios, sobre os inconvenientes da cremação e sobre outros assumptos, emfim, que se ligam intimamente com a questão vital da hygiene, ao mesmo passo que maravilham os proprios versados em taes materias, ensinam e enthusiasmam os que vão beber n'aquelle manancial inexgotavel de illustração, noções que a mais decidida vontade não alcançaria em dilatados periodos de uma leitura persistente e extenuante.

Eis um dos meritos superiores d'essas lições publicas, que marcarão sem duvida uma época distincta na carreira laureada d'esse talento que bem merece já pelas primicias do seu trabalho generoso e propagativo o reconhecimento e o respeito de todo o paiz.

Porto, 12 de setembro de 1884.

Manuel M. Rodrigues.

AS CALDAS DE S. PEDRO DO SUL

Lendo a chronica medicinal das Caldas d'Alafões pelo medico Antonio Pires da Silva, anno de 1695, deprehende-se que estas Caldas remontam a epocha desconhecida. Inscripções romanas fazem vêr que aquelles povos as tinham explorado e usado. Refere porém a historia, e a tradição que o nosso primeiro monarcha D. Affonso Henriques d'ellas se aproveitou, para restabelecer-se da frouxidão e rheumatismo que lhe causou a fractura d'uma perna, por occasião do ataque de Badajoz. Veiu alguns annos usal-as em companhia de suas filhas D Urraca e D. Mafalda, e taes beneficios obteve, que deliberou mandar construir duas piscinas, uma para homens e outra para mulheres, as quaes ainda hoje existem fóra do serviço, deleitando-se em vêr tomar banho os doentes d'uma

galeria que fica superior á piscina dos homens, na qual ainda se observa o logar da tribuna.

Segundo a mesma chronica, D. Affonso Henriques, deu o foral do Banho a D. Fernando Pedro, senhor de toda a terra de Lafões, por alvará d'agosto de 1190. Em varias pedras da tribuna, nas aduellas da volta, ainda existem as seguintes letras P A que parecem indicar Fernando Pedro e Affonso Henriques.

Demoliram-se ultimamente umas casas proximas á ponte, chamadas do capitão Almeida, onde existia uma lapide com a seguinte inscripção romana:

REUCALIUS FURO IBI POSSUIT VOLUM JOVI SOLVENS.

Reucalio forense ou d'Aurouca padecendo molestias que o obrigaram a vir á Villa do Banho, prometteu a Jupiter, que achando-se bem lhe erigiria um monumento para memoria do beneficio recebido. Esta pedra creio a deixaram perder nos alicerces d'alguma nova edificação, mas ha ainda na localidade quem d'ella se lembre.

El-rei D. Manuel consta que tomára banhos d'estas Caldas, e tão agradado d'ellas ficou, que dotou-as com um hospital, e um reguengo que se compunha de 22 casas, as quaes pagavam de foros:

Pão meado....	311,5 alqueires
Trigo.........	16,25 »
Vinho.........	149,75 almudes
Capões........	11
Marrã.........	84 libras
Gallinhas......	2
Castanha verde	1,25 alqueires
Dinheiro.......	5:709 réis

Ricardo d'Almeida Jorge, professor da escola medico-cirurgica do Porto
(Segundo uma photographia de Peixoto & Irmão)

Estes dados acham-se insertos no tombo mandado fazer em 1731 por D. João V.

Em 1577 el-rei D. Sebastião fez nomear para este cargo Rodrigues d'Azevedo, sendo-lhe dado o direito de passar a marcê a seu filho.

Filippe II de Castella fez mercê das Caldas com todas as suas rendas e jurisdições a Manuel Azevedo d'Almeida, filho de Sebastião Rodrigues d'Azevedo, em 14 de julho de 1583.

Ainda existe na antiga casa da camara, hoje cadeia e escola, um escudo com a seguinte inscripção:

REYNANTE REGE DONO FILIPE SECUNDO A BALTHASAR NOGUEIRA DE BRITO JUDICE A FORA, EDIFICATUS FUIT HIC LOCUS 1584.

É pois fóra de duvida a antiguidade d'estas thermas, e as suas virtudes therapeuticas, pela importancia que mereceram não só ao povo romano, mas aos nossos monarchas.

Estão situadas estas caldas no valle de Lafões, delimitado pela serra do Caramulo ao sul, e ao norte pela serra da Gralheira e Talhadas. Existe ao meio um monte que separa as aguas do Vouga e do Varoza.

Corre o Vouga de leste para oeste por entre encostas excessivamente arborisadas, d'uma paisagem viçosa e agradavel. As povoações mais importantes do valle de Lafões, são — Vouzella e S. Pedro do Sul.

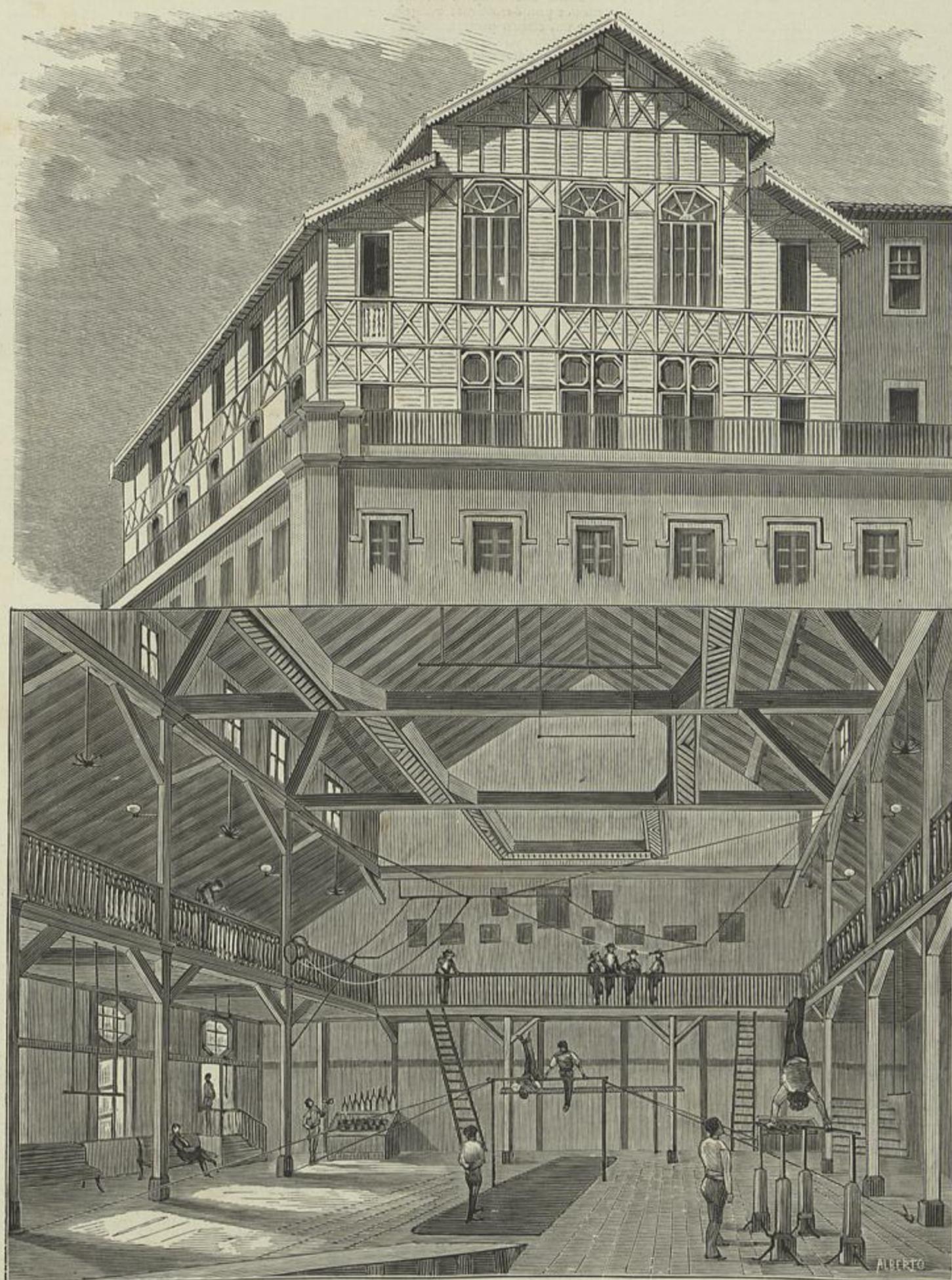
É esta localidade o centro da creação do gado bovino denominado arouquez, por isso que ella se estende ainda além de Arouca, que está situada na vertente norte da serra da Gralheira.

Como as povoações são abundantes n'este valle, mas de limitado numero de fogos, as reses que se abatem para consumo são geralmente vitellos, as quaes sendo creadas n'esta localidade muito abundante de comidas verdes, são gordos; e por isso a vitella de Lafões é afamada.

A propriedade está muito dividida, é abundante de aguas de réga, e d'ahi provém a cultura intensiva e a amenidade de todo o valle.

Estão estas thermas situadas a uns 200 metros da margem esquerda do Vouga, no logar chamado as Caldas a meia distancia entre a villa de Vousella e de S. Pedro do Sul, das quaes distam 4 kilometros proximamente. Pela estrada real, d'Estarreja ás Caldas ha 62 kilometros; vindo por Vizeu a S. Pedro do Sul e Caldas, percorrem-se 26 kilometros.

É pittoresco em demasia o valle do Vouga n'esta localidade. Margens inclinadas todas cobertas de

Caldas de S. Pedro do Sul (Segundo um desenho communicado pelo sr. Manuel Raymundo Valladas)

Real Gymnasio Club Portuguez (Desenho do natural por Christino)

pinhaes, soutos e carvalhaes; as pequenas propriedades bordadas com vinhas de trepar ou d'enforcado, pela maior parte em socalcos, cultivadas e tratadas a preceito.

Todos os dados que temos apresentado nos fazem persuadir, que em epochas remotas se cuidou d'estas thermas. Havia provedor, havia medico, havia hospital, em summa, estavam dotadas com uma organisação que pode reputar-se regular e esmerada, e d'ahi provinha a sua concorrencia e nomeada.

Vê-se porém hoje que estas magnificas e abundantes thermas estão cahidas n'um abandono condemnavel e quasi esquecidas.

O que havia de bom na epocha em que d'ellas se cuidava, isso mesmo se tem deixado arruinar.

Apenas ultimamente se construiram quatro banhos formados por banheiras guarnecidas d'azulejo, e installadas em dois quartos um pouco maiores que os doze que existem, e que formam o banho geral.

Ainda assim, um d'esses quartos que fica paredes meias com os tanques d'arrefecimento, é n'elle tal o calor, que o doente toma um banho mixto de vapor e agua quente.

Tem pois ao todo o edificio 16 banhos, doze dos quaes são estabelecidos em pequenos cubiculos, onde existem uns pequenos tanques de granito tendo uma pedra para encosto da cabeça.

Não tem ventilação adequada, não teem aceio estes pequenos quartos. Na epocha actual deviam estar condemnados. São estes os banhos de que se serve a pobreza, a qual em maior escala alli afflue a usar este poderoso meio therapeutico; e apesar das condições deploraveis em que se encontram, e da falta quasi absoluta d'indicações e regimen, uma grande parte dos enfermos tiram d'elles magnifico resultado especialmente no rheumatismo, dyspepsias e bronchites chronicas.

Imagine-se um doente de limitados conhecimentos a quem o medico indica como vantajosos estes banhos para os seus padecimentos. Parte para as Caldas, aloja-se desgraçadamente, toma um banho á temperatura que o acaso deu no enchimento da banheira, geralmente quentissimo, porque a nascente é qu si fervente, e por isso ha sempre tendencia para poupar a agua que tem arrefecido nos tanques, e gastar da quente que é abundantissima.

O doente deseja regressar com brevidade a sua casa, não se contenta em tomar diariamente um d'estes escaldões, toma dois; o resultado é o que se chama na localidade febre do banho, a qual se manifesta ao terceiro ou quarto dia.

Causa pena ver o descredito d'aguas tão abençoadas, provindo tal descredito apenas, do estado deploravel em que se acha o edificio, e da ausencia completa de regimen a que deviam sujeitar-se os doentes.

Não posso calcular o numero de doentes que concorre a estas Caldas, mas o facto é, que a camara municipal de S. Pedro do Sul os aluga geralmente por 900$000 réis, durante a temporada annual. Além d'esta verba compete ao arrendatario pagar a dois banheiros, fazer pequenos reparos, e conservar uma limitadissima illuminação, no que não poderá despender mais do que uns 100$000 réis. Ao todo 1:000$000 réis.

Por pouco que fique ao arrematante estou certo que não correria o risco de pagar a renda, a menos que não contasse ficarem-lhe livres 200$000 réis. Tomando, termo medio, cada doente 13 banhos e sendo o preço medio 80 réis, corresponderá a verba de 1:200$000 réis a 1:153 doentes.

Na realidade custa a acreditar, mas de facto não existe registo algum que faça conhecer com exactidão este dado importantissimo, relativo a este estabelecimento.

Se ha sitio pittoresco, ameno, e que se preste á installação d'um estabelecimento balnear modelo de primeira ordem, é o das Caldas de S. Pedro do Sul. Pujante d'arborisação, agua putavel, corrente abundantissima, boa estrada em communicação com o caminho de ferro do norte para Estarreja, e com o da Beira Alta para Vizeu, aguas thermaes sem rival em temperatura e abundancia.

Dei-me ao trabalho de medil-as porque me excitou a curiosidade tão notavel producto da nascente.

Medem 893 metros cubicos em 24 horas, brotando em altura e temperatura, susceptiveis de serem applicadas como se quizer.

A origem está cercada por muros de granito coberta com abobada, tendo uma abertura na parede norte, a qual outr'ora teve um postigo de ferro para se fechar, e um recinto murado e coberto, onde se tomavam banhos de vapor.

No fim d'essa pequena casa brotam varios olhos d'agua, soltando de quando em quando algumas bolhas de gaz que se evolve, e vapor em grande quantidade.

Entrei com difficuldade dentro da casa que abriga a nascente. Encontram-se ahi pequenos depositos d'enxofre, encrustações levemente amarelladas, grandes porções de materia gelatinosa, muito vapor, e um cheiro pronunciado a enxofre.

Não posso dizer ao certo a temperatura d'estas aguas, porque não havia na localidade thermometro que as acompanhasse; algumas pessoas attribuem-lhe a temperatura de 67 a 69 graus centigrados; parece-me porém que deve approximar-se a 80 gráos; o facto é que pelam um leitão e depenam uma gallinha com a maior facilidade.

Se avaliarmos o numero de banhos que podem produzir estas aguas quando hajam tanques d'arrefecimento espaçosos, e estejam bem aproveitados; poderemos calcular affoitamente 2300 banhos por dia.

Além d'esta nascente principal, brotam um kilometro mais abaixo, na margem direita do rio, e junto d'agua varios olhos excessivamente quentes. Esta agua é pouco aproveitada, attenta a abundancia e boa situação da nascente principal. Mandou a actual camara municipal fazer um projecto de novo edificio para se aproveitarem mais commodamente estas aguas, e até creio que levantou a quantia de 18:000$000 réis para tal fim. O projecto começou a executar-se, é modesto, está regularmente organisado, mas a meu ver, muito ha quem do que conviria fazer, para tirar todo o partido, de tão caudal nascente, e promover em poucos annos o desenvolvimento da acanhada povoação que a cerca.

Parecia-me preferivel melhorar o estabelecimento existente, promover d'esta fórma o augmento do rendimento, e em futuro dispondo-se de mais avultada quantia, proceder á construcção d'um edificio digno das virtudes e abundancia de tão notaveis aguas.

Se estas Caldas fossem mais conhecidas e analysadas, estou certo que uma das maiores faltas existentes já teria desapparecido, qual é a ausencia de casas confortaveis para alojamento da população fluctuante que procura os beneficios das aguas; porque as condições especiaes da localidade prestam-se admiravelmente á construcção de elegantes casas de habitação.

Para passar as horas monotonas dos dias em que fiz uso d'estas aguas, entretive-me a levantar a planta do antigo edificio, e a fazer um projecto de modificação, aproveitando parte do que existe; na idéa de promover o melhoramento das condições em que se acha, e facilitar o augmento de rendimento pela concorrencia ausente. Este projecto heide mandal-o á camara para d'elle fazer o uso que quizer.

A minha missão está cumprida.

Fazel-as conhecidas, e concorrer com o meu limitado prestimo para se melhorar o estabelecimento; promovendo por esta fórma a sua procura, a qual hade infalivelmente em futuro produzir o engradecimento local, e divulgação das suas incomparaveis virtudes como agua medicinal.

Belem, 26 d'agosto de 1884.

Manuel Raymundo Valladas
Tenente coronel d'eng.º
Director da R. C. Pia de Lisboa

APONTAMENTOS PARA A VIDA DO DIABO

VIII

Na religião brahmanica eram os *Devas* os bons espiritos, mas Zoroastro não os admittiu na sua religião, senão na qualidade de demonios. Explica-se esta baixa de posto por uma antiga dissidencia da raça aryana. Para melhor comprehendermos esta transformação ouçamos um pouco do credo mazdeiano, que se encontra no *Zend-Avesta.*

Se acaso o leitor não sabe o que esta palavra significa, dê-me o prazer de aceitar uma explicação que lhe offereço como coisa minha, mas que surripiei do *Journal des Savants*, fiado em que ninguem daria por isso.

O *Zend-Avesta* (que deveria antes chamar-se *Avesta Zend*, porque essas duas palavras significam «texto» e «commentario)» era uma especie da biblia dos antigos persas; isto é, collecção dos seus livros sagrados. Apenas hoje existem fragmentos, divididos em quatro partes, denominados o *Vendidad*, o *Yaçna*, o *Vispered* e os *Yasts*. Ás tres primeiras, quando se querem designar conjunctamente, chama-se-lhes o *Vendidad-Saé*, que significa *Vendidad puro*. Os Yasts, com outros fragmentos, mais ou menos consideraveis, designam-se ás vezes com o nome de *Korda-Avesta*, ou pequeno Avesta (1).

Vamos agora á parte do credo mazdeiano, transcripto do *Yaçna.*

«Deixo de ser um adorador dos Devas; declaro-me seguidor de Zoroastro, inimigo dos Devas, adorador de Ahura-Mazda, dos Ameshaçpentas, os santos immortaes, cujos louvores eu canto... Nego todo o poder dos Devas, d'esses seres perversos, maus, mentirosos, causa de todo o mal, os mais odiosos, os mais vis, os mais corruptores de todos os seres. Renego para sempre os Devas e seus miseraves adoradores, todos os seres viciosos e todos os que se parecerem com elles. Renego-os em pensamentos, palavras e acções, assim como renuncio a tudo o que é mentira e falsidade.

Assim como Zoroastro renegou os Devas, no tempo em que Ahura-Mazda conversou com elle, assim eu tambem, como fiel mazdeiano, renuncio ao poder dos Devas, como o proprio Zoroastro renunciou.»

Como se vê, o Ente Supremo dos senhores persas era *Ahura-Mazda*, o qual desde o principio dos tempos tinha junto de si seis coadjuctores, para o auxiliarem na administração do mundo (2). O nome collectivo d'estes celestiaes fidalgos era *Amesha-çpentas*, que significa «os immortaes.» Considerados singularmente, chamavam-se ss. ex.as: *Vôhu-manô* «o espirito do bem»; *Ashavahista* «o purissimo»; *Khshaatra-vairya* «reino desejavel»; *Cpenta-armaiti* «sabedoria perfeita»; *Haurvatat* «saude»; *Ameretat* «immortalidade». Aos *Amesha-çpentas* seguem-se na ordem jerarchica os *Yazatas*, especie d'anjos, espiritos bons, espalhados aos milhares no universo.

O chefe da opposição ao Ente Supremo tinha um nome maior do que a propriedade; chamava-se *Angromainyus* (Ahriman) «o destruidor». Convem notar, que este rival de *Ahura-Mazda* era mais novo do que elle, pois que só principiou a existir depois de lhe darem o ser a acção e reacção das forças physicas, creadas por aquelle.

O desejo de destruir a creação tornou tambem creador o poder malefico. Aos seis *Amescha-çpentas* oppor seis espiritos, eguaes áquelles em forças e poder: *Akômanô*, o espirito do mal; *Andra*, que procura espalhar no mundo a dôr e o peccado; *Cauru*, que impelle os reis para a tyrannia, os homens para o roubo e o assassinato; *Naughaihya, Tauru* e *Zairica*. Ignoro o modo de vida d'estes tres ultimos marotos; provavelmente eram vadios.

Em opposição aos *Yazatas* arranjou o tal destruidor os *Devas*, demonios que incessantemente se occupavam de transtornar os movimentos regulares da natureza. Na epocha da creação, em quanto *Ahura-Mazda* fazia apparecer a luz, o homem e tudo quanto ha bom no mundo, *Angrômainyus* tirava do nada as trevas, os animaes e as plantas venenosas; invejoso do homem procura todos os meios de o deprimir.

O monotheismo mazdeiano, que por longo tempo se conservou intacto na Persia, soffreu notavel alteração na Media, em virtude do elemento turaniano, que se infiltrou n'elle. Os turanianos medas consideravam que o bom principio clemente por essencia, não precisava ser adorado; todas as suas orações e sacrificios eram dirigidos a applacar os poderes infernaes e tenebrosos. Vencidos pelos aryanos, não renegavam as suas crenças; fundiram-as com as dos vencedores e alteraram estas. Identificaram os seus deuses bemfazejos com *Ahura-Mazda* e os espiritos bons de que este era cercado; as divindades maleficas foram identificadas com *Angromainyus* e seus demonios. Desde então começou este a ser considerado como uma entidade menos augusta do que o bom principio, porém mais temivel do que elle, e que muito convinha applacar; por ultimo foi admittido como egual de *Ahura-Mazda*, em poder e força, da mesma substancia que elle, e tendo ambos tambem a mesma duração.

(1) *Journal des Savants*, fevereiro de 1878, de pag. 74 a 87. Barthélemy Saint-Hilaire *Le Zend-Avesta de Zoroastre.*

Mr. Maspero, na sua muito conhecida *Historia antiga dos povos do oriente*, faz outra divisão dos livros sagrados a que me refiro, assim como tambem diversifica um pouco na orthographia. Eis a traducção do que a tal respeito escreveu o illustre sabio. «Os livros attribuidos a Zoroastro tem tido a sorte de todos os livros sagrados: foram mutilados e interpelados tantas vezes que se não pode discernir com certeza o que encerram do authentico. Do *Avesta* apenas temos fragmentos conservados em tres collecções: o *Vendidad-Sadé*, o *Yesht-Sadé* e o *Bundehesh*. O *Vendidad—Sadé* compõe-se do *Vendidad* ou «livro contra os demonios», do Yaçna e do Vispered: é escripto em Zend, como o *Yest-Sadé*. O *Bundehesh* é redigido na lingua vulgar da Persia no tempo dos Sassanidas, o pehlevi. Ha n'estas tres collecções fragmentos de differente idade e valor; uns antigos o bastante para nos darem, senão a fórma original, ao menos o espirito da doutrina iranianna; outros modernos e misturados de formulas extrangeiras. Os iraniannos adoravam um só Deus, Auramasda, o espirito sabio, «o luminoso, o resplandecente, o grande e bom, o perfeito e activo, o intelligente e bello (pag. 465)».

(2) Maspero, pag. 466.

Seria dualista a religião de Zoroastro? Assim o parece á primeira vista, mas reflectindo-se um pouco melhor ver-se-ha que a circumstancia de se dizer, que os dois principios tinham ambos a mesma duração não vale o mesmo que chamar-lhes eternos; e tanto não eram, que emanavam de uma vaga entidade preexistente, denominada «o tempo sem limite», e cujo nome persico não ha lingua christã que o saiba pronunciar: *Zrvan-akarana*. Desta personagem eram parentes proximos os seguintes senhores e senhoras. *Zrvan-dareghogadhata* «o espaço finito»; *Anaghra-raoçao* «a luz sem fim»; *Anagra temas* «a luz sem fim (1)».

Para bem se comprehender a concepção monotheista dos persas convém não perder de vista, que embora os dois principios fossem eguaes em tudo, no poder, como na duração, é certo que ambos elles procediam d'uma substancia anterior; ambos creadores, nenhum tirou, todavia, as suas creações do nada, porque já existiam na immensidade increada, de que elles tambem sahiram.

Recordaremos ainda, que a religião de Zoroastro, anteriormente ao seu contacto com os turanianos da Media era perfeitamente monotheista, porque o deus supremo, *Ahura-Mazda*, tinha subordinados ao seu poder os principios do mal e do bem. Depois que os dois povos se confundiram pela conquista, as crenças dos vencidos, cujo desenvolvimento religioso era ainda muito inferior, misturando-se com as dos vencedores, occasionaram na religião d'estes uma degeneração de que resultou o predominio da concepção dualista. No entanto, esse predominio não chegou a assumir proporções taes que obliterasse a noção d'uma entidade, senão superior, na rigorosa significação do termo, ao menos anterior aos dois principios, e que em si os continha.

— *Deo gratias?*

— Ainda não. Fiquemos por agora no *Ite missa est*, e entoaremos devotamente o *Deo gratias* n'um dos proximos numeros.

Delphim d'Almeida.

RESENHA NOTICIOSA

Doença dos caranguejos. Naturalmente a maior parte dos nossos patricios sorri de desprezo ao ler este titulo, porque em Portugal, desconhece-se a utilidade de muitos productos naturaes, quer mineraes, quer vegetaes, quer animaes, não obstante a variedade e riqueza d'ellas com que a natureza dotou o paiz. Pois em França e principalmente na Allemanha, tem sido estudada com todo o cuidado a doença que tem dizimado cruelmente aquelle crustaceo, a ponto de o fazer quasi desapparecer de muitos cursos de agua em varias partes do norte da Europa. No norte do nosso paiz, e muito especialmente nas costas desde a Figueira até o Porto, faz-se grande pesca do crustaceo, que é empregado, sob o nome de *mexoalho* e *escasso*, segundo se usa simples ou misturado com detrictos de outros peixes, como riquissimo adubo na agricultura, substituindo, em parte, as grandes riquezas dos dejectos animaes e outros lixos, que deixamos perder no mar, pelas fozes dos nossos rios. Parece que a doença é originada em um parasita, alojado nos musculos do animal, o *distoma cirrigerum* ou *isostomum*, o qual tendo alguma analogia com os trichinos, parece provir dos peixes de agua doce. Apesar de, no nosso paiz a creação e educação dos peixes, crustaceos, molluscos, etc., ser apenas um mytho, sempre resumiremos os conselhos que sobre este assumpto dá o veterinario Zundel: 1.º não se devem alimentar os caranguejos com visceras de peixes, a menos que ellas tenham sido submettidas á cosedura; 2.º não se devem crear peixes nos viveiros ou reservatorios onde se acham os caranguejos; 3.º os caranguejos destinados a repovoar os cursos de agua, despovoados pela peste, devem ser conservados durante um anno, pelo menos, em reservatorios que não contenham peixes.

As tentativas de Stanley. Como se sabe este explorador tem andado, da Belgica para Paris, Londres, etc. D'esta ultima cidade escrevia elle ao *Centralblalt der Volkswirthschaft* (folha central da agricultura) de Berlim, uma carta na qual recommenda vivamente á Allemanha o apoio e reconhecimento do pretendido *Estado livre do Congo*. «A Allemanha, diz elle, tem a escolher entre a sociedade do Congo e Portugal. Alliando-se á primeira, gozará de todos os beneficios e vantagens do commercio livre, ao passo que, se fizer causa commum com Portugal, o governo allemão exporá os negociantes do imperio da Allemanha a todas as chicanas alfandegarias.» E termina o seu aranzel, dizendo que o Congo deve ser livre até o mar. Quando elle voltou a Londres, em uma entrevista com um redactor do *Central News*, Stanley affirmou que o estado actual das negociações entaboladas pela associação internacional africana era o mais satisfatorio; que a França e a Allemanha secundam efficazmente os esforços da associação para colonisar o Congo; que um agente francez já lhe havia offerecido 500 emigrantes, e que o assumpto mais urgente era o estabelecimento de um caminho de ferro da foz do rio para o interior. Tambem declarou aquelle celebre calumniador que a obra da colonisação do Congo *não tem nenhum caracter de especulação*. Nunca se viu trapacear com maior desplante! Continuem a proteger os *exploradores* extrangeiros, e não apressem a construcção do caminho de Ambaca.

Mozart. Estão muito adeantados os trabalhos, para se erigir em Vienna d'Austria uma estatua a Mozart. Como se vê a Allemanha tambem não é muito apressada em pagar as suas dividas de honra aos seus grandes homens.

(1) Maspero, pag. 469.
(2) Id. pag. 469 e 470.
(3) Id. pag. 471 n. 1.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Bibliotheca do povo e das escolas, *quarto anno, undecima serie. David Corazzi, editor... Administração, rua da Atalaia, 40 a 52, Lisboa.* — N.º 87 — *Direito publico internacional.* Quando tantas questões importantes trazem agitadas as diversas nações, e algumas sobresaltadas pela liberdade e integridade de varias porções do seu territorio, como nos succede a nós em mais de uma parte de Africa, vem bem a proposito a publicação d'este livrinho, que aliás serve de completar as noções de *Direito* expendidas nos outros livrinhos que se intitulam: *Noções geraes de jurisprudencia, Philosophia do Direito, Moral, Direito romano, Codigo fundamental da nação portugueza, Codigo civil portuguez*, ou que terão ainda de ser tratados em outros.

Les affaires espagnoles, *hispano-coloniales, portugaises et sud-americaines*, n.º 9 do 4.º anno, relativo a 5 de setembro corrente; trata de muitos assumptos interessantes, relativos a todos os ramos de commercio, e industria.

Elementos para a historia do municipio de Lisboa, pelo sr. Eduardo Freire de Oliveira. Continua-se a materia dos fasciculos antecedentes, sendo muito interessante a extensa nota, onde vem ennumeradas e authenticadas por documentos todas as epidemias de peste que tem affligido Lisboa desde o anno de 1384 até á peste grande de 1569-1570, a qual roubou na força da vida o nosso grande poeta Antonio Ferreira, e viu chegar a Lisboa o grande Luiz de Camões.

Les matinées espagnoles. — 3.º volume, segundo semestre, n.ºs 2 e 3 relativos a 23 de agosto e 1.º do corrente. — *Madr d, palais Altamira, Paris, 5, rue Logelbach.* Comprehende este numero, além de um bom retrato gravado de Fernando de Lesseps, os seguintes artigos: *Lettres d'une voyageuse*, descripção da sua ultima viagem a Portugal, pela sr.ª de Rute, nas quaes, não obstante querer ser muito justa, se mostra ter sido muito mal informada; *L'orpheline*, por J. Lourenço Pinto; *Election du catholicos d'Etchmiadzin*, por Gastão de Fresnes; *Le 8ème péché capital*, pela sr.ª de Rute; *De ci de lá*, por Peregrine; *Ferdinand de Lesseps* (profil); *Deauvillois et Trouvillais?; Bulletin financier; Courrier de l'exterieur, e de Paris;* e a continuação da traducção do *Primo Basilio* d'Eça de Queiroz.

Revista do Retiro Litterario Portuguez, publicado pela sociedade Retiro Litterario Portuguez, no Rio de Janeiro. O n.º 24 do 3.º anno correspondente a 30 de junho ultimo é acompanhado de um outro exemplar «edição especial para commemorar o 25.º anniversario da fundação do Retiro Litterario Portuguez». Esta publicação insere grande variedade de artigos e poesias escriptas na sua maioria pelos socios.

Gazeta dos hospitaes militares, publicada sob os auspicios do ministerio da guerra e dirigida pelos srs. dr. Cunha Belem, Guilherme José Ennes e Carlos Moniz Tavares. Os n.ºs 180 e 181 tratam principalmente do cholera em França e das medidas tomadas em Portugal para evitar a invasão d'este flagello.

Cancioneiro musical portuguez, por G. R. Salvini, David Corazzi editor, Lisboa. Fasciculo n.º 2 com oito paginas de musica, para canto e piano. As lettras tem por titulo «Se as rosas soubessem» e «O teu nome». Já n'este logar demonstramos as vantagens d'esta publicação, que se propõem a desenvolver o gosto pela musica portugueza.

O Paraiso Perdido, por Milton, traducção em verso portuguez pelo dr. Antonio José de Lima Leitão, revista, prefaciada, annotada e ampliada com a biographia do poeta e a analyse do poema por Xavier da Cunha. David Corazzi editor. Esta edição é illustrada com as illustrações de Gustavo Doré da edição ingleza. O fasciculo 11 insere duas explendidas gravuras e 16 paginas de texto.

A PROPOSITO DO CHOLERA

A desinfecção pelo gaz acido sulfuroso (fumo do enxofre) e o Fumigador sulfo-thermico

Do indeclinavel dever que temos, de acceitarmos a luta e de nos precavermos contra os males que fatalmente accommettem a humanidade; e em presença do alastramento e da marcha caprichosa do contagioso e devastador flagello, que está grassando na Europa, e que tantas victimas tem feito e vae fazendo, já tão perto de nós; surge a necessidade peremptoria e inadiavel, não só de occasião, mas permanente, de se attender com seriedade á gravissima questão da salubridade publica e particular, e de adoptar providencias prophylacticas vigorosas que, posto nos não preservem absolutamente ou nos permittam ficar incolumes, se a invasão do ameaçador contagio porventura nos attingir, pelo menos nos preparem para o combate, por todos os meios que possiveis forem ou estiverem ao nosso alcance.

Uma das medidas reconhecidamente mais efficazes, tanto preventiva como repressiva, que devemos oppôr á propagação e á acção mortifera do mal, consiste na destruição dos fócos de infecção, verdadeiros laboratorios ou viveiros onde o *miasma* se acoberta e se reproduz, para em seguida se diffundir pelo ambiente.

D'entre o grande numero de substancias propostas como *antisepticas* ou *desinfectantes*, estremam-se algumas como são: o *bichloreto de mercurio* (sublimado corrosivo), o *gaz chloro*, o *bromio*, o *iodo*, o *ozone* (oxygenio electrisado), o *nitrosylo* (bioxydo de azote) e o *gaz acido sulfuroso*, que devem ser consideradas, pela sua energica acção destructiva sobre os gazes infectos e os *miasmas* ou *micro-organismos*, como as mais activas e efficazes. Mas, as propriedades altamente toxicas ou corrosivas d'umas, ou o seu relativamente elevado preço, e o difficil manuseamento, preparação delicada ou dispendiosa d'outras, levam-nos ainda a escolher, d'entre aquelles corpos, o *gaz chloro*, por ser um energico e fortissimo *desinfectante*; e o *gaz acido sulfuroso*, ou *fumo do enxofre* que, preparado e applicado em condições especiaes, como *antiseptico* e *desinfectante*, rivalisa com o *chloro*.

Da applicação d'este ultimo corpo á desinfecção não nos occuparemos, porque todos conhecem o immenso valor d'ella; mas, diremos duas palavras com relação ao modo de empregar, para o mesmo fim, o *gaz acido sulfuroso* (fumo do enxofre), a que damos preferencia, pelas seguintes rasões: 1.º porque se obtem muito facilmente (basta queimar o enxofre no ar) e é muito mais barato do que o mesmo acido liquifeito; 2.º porque não é corrosivo como o *chloro*, que, respirado, mesmo em fracas doses, ataca fortemente os pulmões; 3.º por ser muito mais baixo o seu preço do que o d'aquelle gaz (100 grammas de *chloro*, obtido pelo *chloreto de cal* do commercio, custam, conforme o preço variavel d'este sal, 35,3 ou 56,5 réis, emquanto que, 100 grammas de *gaz sulfuroso*, importam em menos de 4 réis; accresce, ainda, que esta mesma porção de *acido sulfuroso* equivale, chimicamente, a cerca de 111 grammas de *chloro*, que valem 39,1 ou 62,7 réis); 4.º porque preparado e empregado *humido*, actua sobre os gazes infectos e os *fermentos organisados (micro-bios*, etc.) de modo analogo ao do *chloro*.

Para applicar, pois, vantajosa e racionalmente, estas propriedades *desinfectantes* e *antisepticas* do *gaz sulfuroso*, á destruição dos *miasmas* e á purificação do ar infecto, inventámos nós um apparelho, portatil (congenere do nosso *Sulfurador automatico*), que denominamos — *Desinfectador* ou *Fumigador sulfo-thermico* — e que permitte: 1.º encher completamente, ou só em parte, com o *fumo do enxofre, secco* ou *carregado de vapor aquoso*, e sem ser necessario entrar lá o

operador, um espaço ou recinto circumscripto qualquer, como quartos de habitações, armazens, cazernas, enfermarias, porões de navios, retretes, wagons e carruagens de caminhos de ferro, etc., etc., trabalhando o apparelho do lado de fóra do recinto ou ao ar livre; 2.º *calcinar*, simultaneamente, ou *queimar*, para lhe destruir os *miasmas* ou os *micro-organismos* e os gazes deleterios, o ar deslocado pelo *gaz sulfuroso*, que introduzimos no recinto infecto; ar que, claro está, não se empregando este artificio, sahiria inquinado do recinto afumigar, e se derramaria na atmosphera pura, corrompendo-a.

O *fumigador sulfo-thermico* (fig. 1 e 2), compõe-se de um vaso ou camara fechada, cylindro-conica, *A A*, appoiada sobre quatro pernas *p p*, e tendo, interiormente, uma grelha annullar, *a a*, onde se combusta o enxofre (em flores), para produzir o *gaz sulfuroso anhydro*. Da parte inferior d'esta camara nascem dois grossos tubos, B C —, um, B, de $1^m,50$, e o outro, C, de $0^m,60$ de comprido, destinados: o primeiro, a *injectar* o *gaz sulfuroso* no espaço, H, ou no recinto que pretendemos *fumigar;* o segundo, a *aspirar* o ar e a fazer communicar a parte superior do mesmo recinto, ou a atmosphera, com a grelha e com o enxofre em ignição.

Sobre a abobada da camara, ou fornilho, *b b*, ha um pequeno reservatorio ou tanque de agua, D (com *fechadura hydraulica, tubo de carga*, f, e *indicador de nivel*, E), onde, á custa do calor da combustão do enxofre, que arde sobre a grelha do apparelho, se aquece o liquido e se gera o vapor aquoso que, passando pelo tubo conico, *t t*, que atravessa a grelha e vae desembocar no estrangulamento do tubo de *injecção*, B, se mistura com o *gaz sulfuroso anhydro*, humedecendo-o e tornando-o mais activo ou excitando-lhe as suas affinidades chimicas, para os gazes infectos e corruptores.

Fig. 1 Fig. 2

Fumigador sulfo-thermico de Silva Pinto

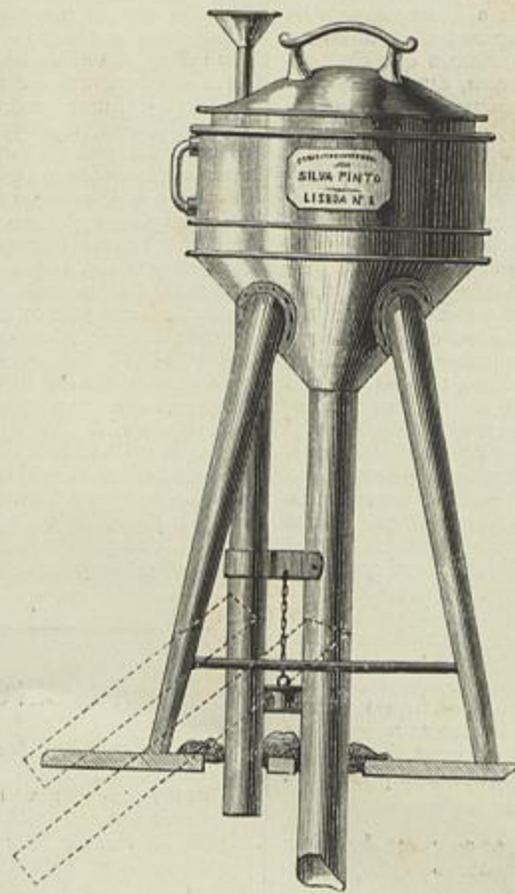
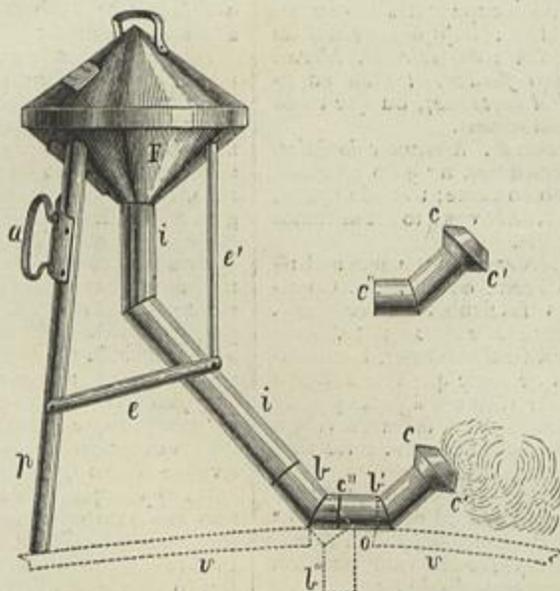



Fig. 3 Fig. 4

Fumigador volante de Silva Pinto

Para fumigar ou desinfectar, com o *fumo do enxofre*, uma casa, H, ou recinto qualquer, por meio do meu *desinfectador*, colloca-se o apparelho junto d'esse recinto, a uma certa altura do solo, e faz-se communicar os tubos de *injecção* e de *aspiração*, B C, verticalmente ou obliquamente (conforme indicam as linhas pontuadas da fig. 1) com o interior do recinto a desinfectar (que deve, durante a operação, conservar-se perfeitamente fechado), e accende-se, por meio de uma accendalha accesa, o enxofre (em *flores*) que deitámos sobre a grelha do apparelho.

Devido á sua grande densidade, o *gaz sulfuroso*, de envolta com o vapor d'agua, precipita-se como se fôra um liquido, pelo tubo, B, no compartimento, H, ou recinto confinado, e obriga o ar mephytico, deslocado pelo gaz acido, a ir pelo tubo, C, *queimar-se* sobre a grelha, *a a*, do apparelho, fazendo-lhe perder, assim inteiramente, as suas propriedades perniciosas e viciantes.

E, como, por uma coincidencia excepcional, um volume do oxygenio atmospherico produz, queimando o enxofre, exactamente um igual volumes de *gaz sulfuroso*, o cubo da massa do *fumo do enxofre* e do ar, postos em acção, mantem-se o mesmo sempre, o que evita, absolutamente, as fugas do gaz e do ar, que, d'outro modo, se deveriam produzir.

O *fumigador* deixa automaticamente de funccionar, logo que produziu ou attingiu o gráu de sulfuração, para que préviamente foi regulado.

Finalmente, fechando, por meio de um pequeno abturador, a extremidade mais larga (a superiór) do tubo conico, *t t*, e retirando o tubo de carga, *f*, se póde, tambem, produzir á vontade o *gaz anhydro* ou *secco*.

No desinfeccionamento de pequenas capacidades, como armarios, malas, arcas, bahus, caixas, etc., etc., póde, tambem, empregar-se um *fumigador-volante*, como o representado pelas fig. 3 e 4, cuja disposição, indicada na fig. 4, permitte que a grelha mesmo inclinando o apparelho, se mantenha sempre horisontal.

A fumarada sulfurosa sahe pelo tubo, *i i*, e bocal, *c' c' c''*, que é articulado e serve para conduzir o fumo a onde preciso fôr, e em diversas direcções.

Na beneficiação do vasilhame despejado, feita nas alfandegas, lazaretos, etc., deve empregar-se, em casos especiaes, um outro apparelho, que já foi ensaiado, e que opportunamente descreveremos.

Este processo, como se vê, é simples e pouco dispendioso; além d'isso, tem, afóra outras vantagens já citadas, a de não poder causar incendios (como póde acontecer queimando o enxofre dentro do recinto); a de não ser necessario entrar o operador, antes e durante a operação, no logar onde existe o ar mephytico; a de poder produzir á vontade uma fumigação, mais ou menos intensa, conservando sempre o recinto fechado; finalmente, a de ministrar o *gaz humido*, sem maior dispendio, tornando-o mais activo e efficaz.

A quantidade de enxofre, que transformado em *gaz sulfuroso*, geralmente se emprega nas fumigações, não excede de 20 ou 30 grammas, por cada mil litros ou um metro cubico d'ar. Com um kilo de *flor de enxofre* (que custa, o maximo, 80 réis), obtem-se no apparelho cerca de 690 litros de *gaz sulfuroso puro, queima-se*, proximamente, 3450 litros de *ar viciado* (purificando-se, sem que n'esta purificação se consuma *acido sulfuroso* algum), e produz-se um igual volume de *fumarada sulfurosa*.

Ponderando que é sufficiente um volume de *gaz sulfuroso puro*, diluido em 2500 volumes de ar, para que este se torne irrespiravel; e que $\frac{1}{666}$ do mesmo acido, como verificou cuidadosamente *S. Bucholtz*, impede e impossibilita o desenvolvimento das *bacterias;* comprehender-se-ha com que pequena dose de *gaz sulfuroso*, e portanto de enxofre, se pode destruir os *miasmas* e o mau cheiro do ar de uma casa, assim como os insectos e os ruidores; e facil será, tambem, de apreciar a importancia d'este processo, e a utilidade pratica do nosso apparelho desinfectador.

Lisboa, agosto de 1884.

M. V. da Silva Pinto
(Do Instituto Industrial de Lisboa.)

Typographia Elzeviriana — Lisboa